

Uma caixa de ferramentas

A tool box

Levi Nauter de Mira
levinauter@hotmail.com

KAUFMANN, J.-C. 2013. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis/Maceió, Vozes/Edufal, 202 p.

O mercado editorial conta com um número expressivo de obras cujo objetivo é ajudar iniciantes e iniciados nos meandros da pesquisa qualitativa. A ciência social, mais particularmente, tem contribuído para esse fenômeno. Uma rápida passada de olhos pelas prateleiras de boas bibliotecas, livrarias, ou uma busca na internet podem ser suficientes para se notar a afirmação. Paradoxalmente, de outra parte, não é difícil lermos que mestrandos, mestrandas, doutorandas, doutorandos, pesquisadores e pesquisadoras em geral continuam cometendo o pecado da falta de profundidade teórica. Significa haver um longo caminho a ser trilhado até que, enfim, apareça o propalado adensamento teórico-textual.

A pesquisa qualitativa ganhou mais uma obra: *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*, de Jean-Claude Kaufmann, sociólogo e diretor de pesquisa na Universidade de Paris-Descartes. A publicação é conjunta da Editora Vozes com a Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal). Ela inicia com uma Apresentação (Kaufmann, 2013, p. 7-19) do professor Bruno César Cavalcanti (ICS/Ufal), cujo intento é destacar a importância do livro, bem como situar o leitor com alguns dos referenciais de Kaufmann.

Em uma visão panorâmica, a obra possui cinco partes, além da Introdução e da Conclusão – não numerada pelo autor. O pontapé inicial se dá no Prefácio. De supetão,

o autor diz a que veio: “abro minha caixa de ferramentas para explicar como as utilizo” (Kaufmann, 2013, p. 21). Essa já é uma boa razão para a leitura de uma obra que até pouco tempo o acesso se dava pela citação de outros pesquisadores. Zago (2003), por exemplo, é uma pesquisadora que, ao tratar da entrevista, faz alusões a Kaufmann, mesclando com sua própria leitura do conceito chegado ao Brasil. Outra pesquisadora, Silva (2006), também faz um exercício que se assemelha ao que nos propõe o autor ora resenhado. A linha comum nessas duas autoras citadas como exemplo é terem se valido da versão francesa de *A entrevista compreensiva*. A versão que nos chega em português possibilita a leitura total da obra que, até pouco tempo, nos chegava aos pedaços. Melhor dito, o que tínhamos até então eram leituras particulares de Kaufmann.

Na Introdução (Kaufmann, 2013, p. 25-29), o autor expressa a visão que tem a respeito da entrevista. Nessa seção, ele também nos informa, começando a abrir a caixa de ferramentas, que utilizará dois livros seus¹ como exemplos de como elaborou o antes, o durante e o depois da entrevista compreensiva.

O primeiro capítulo da obra, *A inversão do modo de construção do objeto* (Kaufmann, 2013, p. 31-57), tem como pano de fundo a crítica à industrialização da pesquisa na qual o pesquisador vai perdendo sua alma (Kaufmann,

¹ *A trama conjugal e Corpos de mulheres, olhares de homens*.

2013, p. 31). Por isso, o autor irá defender o que chama de *artesão intelectual*, “aquele que sabe dominar e personalizar os instrumentos, que são o método e a teoria” (Kaufmann, 2013, p. 33). Assim é que o privilégio dessa ferramenta estará mais para aqueles dispostos a ousarem, inventarem, a partir, logicamente, das ferramentas teórico-metodológicas. Dessa ideia, surgirá outra crítica: à neutralidade. Em não havendo neutralidade nas nossas ações, a entrevista compreensiva jamais poderá ser impessoal (Kaufmann, 2013, p. 39). Decorre, então, que poderá haver uma multiplicidade de olhares ao objeto em análise; os dados produzidos constituem-se em um emaranhado a ser, por assim dizermos, destrinchados sob um olhar qualitativo. E o capítulo se encerra com um conselho a respeito dos métodos qualitativos: “não se deve [fazer os dados] dizer mais do que eles podem em área que não lhes corresponde” (Kaufmann, 2013, p. 56).

Começar o trabalho: rapidez, flexibilidade, empatia (Kaufmann, 2013, p. 59-96) – esse é o título do segundo capítulo. Nele, o autor apresenta pouca novidade. Muito do que é dito, com algumas exceções, é possível encontrarmos em outras obras que tratam de metodologias de pesquisa. As exceções ficam por conta de conselhos mais pessoais que nos vai dando Kaufmann. Vejamos um exemplo. A afirmação de que “qualquer aspecto da sociedade... pode dar lugar a uma investigação...”, e, igualmente, lermos que “não basta definir um tema”, porque logo teremos de “refletir sobre os limites” (Kaufmann, 2013, p. 59) não constitui novidade àqueles que leram algum livro sobre pesquisa qualitativa. Ora, essa é uma lição básica, rudimentar, em se tratando de pesquisa.

Todavia, os conselhos pessoais do autor são mais interessantes. Destaco como início o que Kaufmann diz sobre o papel da leitura e da importância da memória histórica: “Não existe pesquisa sem leituras. Pois nenhum tema é radicalmente novo, e nenhum pesquisador pode pretender avançar sem o capital dos conhecimentos adquiridos em determinada área” (Kaufmann, 2013, p. 63). Na página seguinte, o autor afirma que não está se referindo a qualquer leitura, mas “a audácia na escolha das leituras” (Kaufmann, 2013, p. 64), a partir delas é que poderá haver descobertas inesperadas. Também delas poderá vir os instrumentos conceituais que enriquecem a tarefa da escrita (uma dissertação ou tese). Relativamente ao tema da entrevista compreensiva (e isso vale para eventuais outras modalidades), o autor defende que “as frases mais banais podem dizer muito quando se é capaz de fazê-las falar” (Kaufmann, 2013, p. 73) – o que parece começar a acontecer na medida em que o entrevistador ou entrevistadora consegue a confiança do outro ou da outra (Kaufmann, 2013, p. 75). Outra sugestão importante é para que não façamos perguntas

muito fechadas, nem muito pomposas, muito menos aquelas de tendência hierarquizadora sobre as quais um entrevistado ou entrevistada poderia sentir-se acuado, acuada. “O objetivo da entrevista compreensiva é quebrar essa hierarquia, o tom que se deve buscar é muito mais próximo de uma conversa entre indivíduos iguais” – afirma o autor (Kaufmann, 2013, p. 79). Por isso mesmo é que se poderá voltar a uma mesma pergunta, com o fim de esclarecer algum ponto eventualmente perdido; uma contradição que pareça merecer mais atenção também pode, com respeito e ética, ser retomada. Um alerta, no entanto, é sempre bem-vindo: “o pesquisador iniciante não deve ter medo dos silêncios” (Kaufmann, 2013, p. 83). Na sequência, em direção ao fim do capítulo, o autor sugere-nos fazer entrevistas cara a cara, em vez de optar por aquelas à distância. Uma das razões para isso é que, nesta, poderia haver um polimento nas respostas, uma espécie de embelezamento em certas feiuras que aparecem em nossas falas.

Utilizando-se de um de seus livros como exemplo, em *O estatuto do material*, terceiro capítulo, o tema trabalhado é aquilo que foi produzido no campo empírico, mais precisamente nas entrevistas. Kaufmann subdivide em duas partes o capítulo. Na primeira, ‘Por que as pessoas falam’, é interessante notarmos o que o autor diz:

Quando o investigador consegue penetrar o mundo do informante, quando encontra algumas categorias centrais de seus mecanismos identitários, aquele que fala é pego na armadilha de suas próprias palavras: quanto mais elas vão longe, mais ele se empenha, paralelamente, em ordenar aquilo que ele diz sobre si mesmo, pois é sua vida, seu eu, que estão em jogo. E quanto mais ele se empenha nesse trabalho de ordenamento, mais ele fala sobre si mesmo, fornecendo outras informações que exigem, por sua vez, novos ordenamentos. Aquele que fala não se limita a dar informações. Ao se envolver, ele entra em um trabalho sobre si mesmo, para construir sua unidade identitária, diretamente, diante do entrevistador, em um nível de dificuldade e de precisão que ultrapassa, de longe, o que ele faz usualmente (Kaufmann, 2013, p. 99).

A entrevista, portanto, sendo chamada de semiestruturada ou de compreensiva, é sempre um momento relevante nas pesquisas que se utilizam desse método de produção de dados. A questão tratada na segunda parte desse capítulo, denominado ‘Verdade e mentira’, tem a ver com a veracidade ou não daquilo que se produziu no campo empírico. A respeito desse assunto, o autor defende que mais importante que a classificação é “procurar compreender a lógica de produção do sentido” (Kaufmann, 2013, p. 103). Em outras palavras, “o pesquisador deve ouvir atentamente as fábulas que lhe

são contadas, pois é delas que encontrará os indícios. Mas sem se deixar levar por elas, nem acreditar nelas ingenuamente” (Kaufmann, 2013, p. 110).

O quarto capítulo, *A fabricação da teoria*, vai lidar com o alinhamento entre os dados produzidos e a construção de uma teoria. O autor inicia fazendo uma constatação: “há ótimos pesquisadores que são maus entrevistadores”. Todavia, continua ele, “a catástrofe só será confirmada se eles se revelarem igualmente pobres analistas e redatores” (Kaufmann, 2013, p. 118). Como vimos em parágrafos anteriores, a leitura torna-se importante nesse momento. Todavia, ela, em si, não é o bastante, “é preciso fazer os fatos falarem, encontrar indícios, se interrogar a respeito da mínima frase” (Kaufmann, 2013, p. 119). Para isso, será necessário ler bastante as anotações de campo e/ou ouvir exaustivamente as gravações feitas.

Se escuto dez vezes o mesmo trecho, a escuta será dez vezes diferente... (o informante não estaria mentindo? Por que ele pronuncia essa frase esquisita? Seu comportamento não estaria invalidando uma de minhas hipóteses? Esta hipótese não deveria ser revista? Será que não deveria rever toda a arquitetura do plano?) (Kaufmann, 2013, p. 125).

Na sequência, Kaufmann vai explicar que, dentre as possíveis ferramentas para a análise, teremos as chamadas categorias nativas ou locais, as frases recorrentes, além das contradições (Kaufmann, 2013, p. 150-159).

O quinto capítulo, chamado *Terminar o trabalho*, continua com a proposta de conosco compartilhar muito mais *insights* do que regras inflexíveis. Terminar um trabalho não é tão simples quanto possa parecer, afinal, mesmo as pequenas releituras vão demonstrando que parece sempre haver algo a ser acrescentado em um texto sobre o qual estamos trabalhando. Uma pista para a finalização dos trabalhos pode estar no ‘sintoma’ do pesquisador. Ou seja, na medida em que nos aproximamos do término dos trabalhos ficamos, segundo o autor, “cada vez menos atordoados pelo advento de novas hipóteses” e avançamos para a “fase da saturação” (Kaufmann, 2013, p. 161). No entanto, caso ainda haja hipóteses, o autor nos dá importante alerta: “o pesquisador não deve se deixar levar por novas hipóteses a qualquer momento” (Kaufmann, 2013, p. 165).

Em seguida, Kaufmann vai trazer uma reflexão sobre a importância do efeito estético na apresentação do objeto de pesquisa ao leitor (Kaufmann, 2013, p. 166-173). O último tópico do capítulo é dedicado à escrita propriamente dita. E o autor faz uma interessante subdivisão temática da escrita: a leveza, a honestidade, o estilo e a audiência. Aqui, opto, para nossa reflexão, por um trecho que experienciei quando na escrita de

minha dissertação. Em algumas entrevistas, era comum ouvir palavões (ou, como alguns preferem, expressões de baixo calão) e, nos momentos de transcrição, surgia a dúvida sobre colocar a palavra ou falseá-la (f#@#). Minha opção foi descrever *ipsis litteris* o que ouvia; a isso Kaufmann chama honestidade.

Ainda que breves, os trechos de entrevista devem ser citados da forma mais próxima possível do original. Não se devem apagar os balbucios caso eles digam algo, é necessário transmitir as palavras grosseiras em sua exatidão. Quando a pessoa diz “merda”, escrever “m...” ou esquecer pudicamente o termo, não traz à tona a intensidade da frase (Kaufmann, 2013, p. 176).

O autor também chama nossa atenção para os sinais de pontuação quando da transcrição de falas. Temos de colocar os pontos nos mesmos lugares que os entrevistados e as entrevistadas colocam, porque “não é a ortodoxia gramatical que conta, mas a verdade do material” (Kaufmann, 2013, p. 176).

E assim encerra-se o livro. Sim, há duas páginas (sob o título Conclusão) nas quais o autor propõe que quem o leu esqueça-o a fim de poder criar e “imaginar seu método pessoal”, claro, “sem fazer *tabula rasa* do passado” (Kaufmann, 2013, p. 183). Aliás, é sempre bom lembrarmos que o caminho ora trilhado por nós só está um pouco mais facilitado em razão de outros bravos pesquisadores que se lançaram nessa aventura viciante de tentar entender o que é ser gente.

A entrevista compreensiva é um guia não pedante que pode muito bem nos auxiliar em futuros desbravamentos. Vale a leitura.

Referências

- KAUFMANN, J.-C. 2013. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis/Maceió, Vozes/Edufal, 202 p.
- ZAGO, N. 2003. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: N. ZAGO; M. CARVALHO; R. VILELA (orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 287-309.
- SILVA, R. de F. e. 2006. Compreender a “entrevista compreensiva”. *Educação em Questão*, 26:31-50. Disponível em: <http://www.revistaeduquestao.educ.ufm.br/pdfs/v26n12.pdf>. Acesso em: 01/01/2015.

Submetido: 10/03/2015

Aceito: 29/04/2015

Levi Nauter de Mira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil